

A VIOLÊNCIA NOSSA DE CADA DIA: sobre “viver” à escola

OUR EVERYDAY VIOLENCE: “surviving” school

LA VIOLENCIA ES NUESTRA COTIDIANA: sobre “viviente” en la escuela

Leidiane Ferreira Santos

Professora Associada no curso de Enfermagem e no Programa de Pós-Graduação em Ensino em Ciências e Saúde da Universidade Federal do Tocantins (UFT).

leidienesantos@uft.edu.br



0000-0002-2969-6203

João Pedro Sousa Lima

Mestre em Ensino em Ciências e Saúde pela Universidade Federal do Tocantins (PPGECS-UFT).

sousa.lima1@mail.uft.edu.br



0009-0004-6613-6872

Márcio Silva da Conceição

Professor Adjunto no curso de Enfermagem da Universidade do Estado do Pará (UEPA).

marciodostz@hotmail.com

0000-0001-5560-9209

Ladislau Ribeiro do Nascimento

Professor Adjunto do curso de Psicologia e no Programa de Pós-Graduação em Ensino em Ciências e Saúde da Universidade Federal do Tocantins (UFT).

ladislaunascimento@mail.uft.edu.br



0000-0002-6980-706X

Leilivan Gomes Siqueira Santos

Estudante do curso de Medicina da Universidade Federal do Tocantins (UFT).

leilivangss@mail.uft.edu.br



0000-0001-7603-1629

Leonora Rezende Pacheco

Professora Adjunta no curso de Enfermagem da Universidade Federal de Goiás (UFG).

leonorapacheco@uft.edu.br



0000-0001-6048-3911

Correspondência: Universidade Federal do Tocantins, 109 Norte, Avenida NS 15, Complexo Laboratorial IV. CEP 77001-090, Palmas, Tocantins, Brasil.

Recebido em: 07.08.2025

Aceito em: 12.11.025

Publicado em: 14.12.2025

RESUMO

Objetivou-se descrever as experiências de professores em relação às situações de violência na escola. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, do tipo etnográfico, realizada em duas escolas de tempo integral localizadas em Parauapebas, Pará, Brasil. A coleta de dados ocorreu por meio de diário de campo e grupo focal, e as informações foram submetidas à Análise de Conteúdo. Identificou-se que, no dia a dia, a comunidade escolar vivencia agressões, medo, insegurança, traumas, *bullying*, *cyberbullying*, atos infracionais e abuso sexual. A escola abriga inúmeras formas de violência, com destaque para o *bullying*, em que as crianças e os adolescentes estão na condição de vítimas, mas também de perpetradores.

PALAVRAS-CHAVE: Professores; Criança; Adolescente; Violência escolar; Exposição à violência.

Introdução

Estima-se que o Brasil possui uma população de aproximadamente 215,3 milhões de pessoas, das quais 40.129.261 têm até 14 anos de idade (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2022). Trata-se de crianças e adolescentes que, de acordo com a legislação nacional, são sujeitos de direito, sendo dever da família, da sociedade e do Estado garantir-lhes, com absoluta prioridade, saúde, vida, educação e dignidade (Brasil, 1988).

Entretanto, dados atuais evidenciam que esse grupo está exposto a inúmeras vulnerabilidades sociais (Rebouças; Falcão; Barreto, 2022), tais como alimentação inadequada; insuficiência no número de creches; desigualdades de distribuição de renda;

falta de moradia e saneamento básico; crimes relacionados ao tráfico de drogas; e violências, com altas taxas de homicídios que se equiparam, e por vezes superam, as de regiões em guerra, constituindo a principal causa de morte de adolescentes e jovens no país (Fundação Abrinq, 2025).

No cenário brasileiro, a violência contra as crianças e os adolescentes apresenta padrões preocupantes de desigualdades. Ao se considerar a origem étnica, há maior vulnerabilidade da população negra e, em relação ao gênero, idade e tipo de abuso, verifica-se maior vulnerabilidade para as meninas, especialmente quando se trata de crimes sexuais. Os agressores, sendo principalmente pais e mães das vítimas, demonstram a relevância do ambiente familiar como facilitador da ocorrência de atos violentos (Wanzinack; Mélo, 2025).

Nesse contexto, além do exponencial aumento de agressões contra as crianças e adolescentes ao longo dos anos (Niu *et al.*, 2024), também merece destaque o crescente número de atos infracionais perpetrados por esse grupo, o que pode ser reflexo dos abusos sofridos no ambiente domiciliar e comunitário (Moreira, 2023), uma vez que menores em situação de violência são mais propensos à agressividade, inclusive na vida adulta (Ranang *et al.*, 2023), existindo relação entre traumas de infância e comportamento criminoso, bem como tendência à violência (Cantürk; Faraji; Tezcan, 2021).

Assim, é possível constatar diversas manifestações de violência perpetradas cotidianamente por menores, com ênfase nos danos causados entre seus pares e na ocorrência no ambiente escolar (Costa; Silva; Neto, 2024). Nessa perspectiva, o ambiente escolar, muitas vezes considerado seguro no imaginário coletivo da sociedade, tem cada vez mais se evidenciado como cenário para a materialização de diversas formas de violência, decorrente da vida social, em que crianças e adolescentes apenas reproduzem aquilo que faz parte de suas realidades (Barbieri; Santos, 2021).

Nota-se, desse modo, que a violência em contexto escolar é um fenômeno complexo e multideterminado e, se não enfrentado adequadamente, tende a se repetir, diversificar e intensificar (Canci; Gassen; Rosa, 2024). Diante de tais aspectos, este estudo teve como objetivo descrever experiências de professores em relação às situações de violência na escola. Espera-se contribuir para a visibilidade e reflexões acerca das violências presentes no dia a dia da escola e sobre como os professores se sentem ao vivenciar esse fenômeno, possibilitando intervenções que possam acolher os atores sociais que integram o cotidiano escolar e colaborar para a construção de estratégias de enfrentamento à violência.

Percurso metodológico

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, do tipo etnográfico, realizada de acordo com o guia *Consolidated Criteria for Reporting Qualitative Research* (COREQ) (Souza; Marziale; Silva, 2021), em que participaram professores de duas escolas de tempo integral da rede pública municipal de Parauapebas, Pará, Brasil. As duas instituições de educação, aqui denominadas Escola A e Escola B, ofertam Ensino Fundamental (1º ao 9º ano), em regime de tempo integral, com aproximadamente 400 e 250 estudantes matriculados, e corpo docente composto por 21 e 13 professores, respectivamente.

A escolha pelas referidas unidades se deu por estarem localizadas na área de atuação de um dos pesquisadores, o que possibilitou visitas periódicas, observações e interações, favorecendo sua aproximação com o campo de estudo, uma vez que a metodologia etnográfica requer envolvimento e sensibilização do pesquisador do início ao fim do estudo (Novaes *et al.*, 2024). A aproximação do pesquisador com os cenários de estudo e com os professores das escolas ocorreu por meio de visitas semanais às unidades durante os meses de agosto a dezembro de 2024, as quais tiveram duração de aproximadamente uma hora cada, e foram acompanhadas pelos coordenadores pedagógicos das respectivas instituições.

Nessas ocasiões, o pesquisador realizou observações participantes, registro em Diários de Campo (DC) e conversou informalmente com os atores sociais que compõem a escola, com o objetivo de criar vínculos e entender profundamente o comportamento, as práticas e os significados atribuídos pelos professores às suas experiências na escola, conforme recomenda a literatura especializada (Novaes; *et al.*, 2024).

Além disso, no mês de outubro de 2024, foram realizados dois encontros presenciais na Escola A, em sábados letivos, com duração de duas horas cada, nos quais foram convidados os professores das duas unidades educacionais (A e B). A metodologia utilizada foi a de "roda de conversa", de modo a favorecer a troca de experiências e a construção coletiva de significados (Pinheiro, 2020), e os temas disparadores: saúde mental, relações humanas, trabalho em equipe e Síndrome de *Burnout*, foram indicados pelos participantes.

Para esta pesquisa, a coleta de dados ocorreu por meio do DC e Grupo Focal (GF), sendo um encontro por unidade, agendado conforme disponibilidade das mesmas. Todos os professores receberam convite impresso para o GF, que continha informações sobre a pesquisa, local e horário do encontro na sua escola. Os GF aconteceram no mês de fevereiro de 2025, durante a semana pedagógica das unidades.

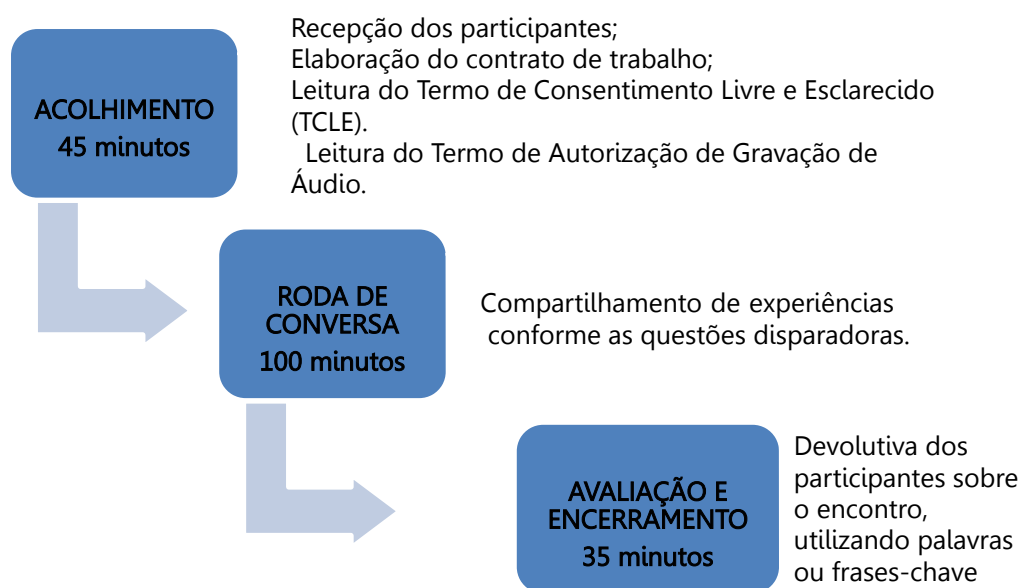
Pontua-se que o DC possibilita analisar o posicionamento ético-político de relação com os participantes, o assunto e as instituições implicadas na pesquisa no cotidiano, em que se busca uma coprodução entre os pesquisadores, participantes, interlocutores e objeto de estudo (Kroef; Gavillon; Ramm, 2020).

Em relação ao GF, refere-se a uma técnica que possibilita interações e problematizações, configurando-se como importante estratégia para inserir os participantes da pesquisa no contexto das discussões de análise e síntese que contribuam para o repensar de atitudes, concepções, práticas e políticas sociais (Backes *et al.*, 2011) e, por tais aspectos, foi utilizado nesta pesquisa.

Os GF foram conduzidos por um psicólogo e contaram com a participação de um auxiliar (psicólogo) e um observador (graduando em Psicologia), todos devidamente treinados para essa atividade. Cada encontro teve duração de aproximadamente três horas e a condução atendeu às recomendações da literatura especializada (Oliveira; Santos, 2015), sendo guiada pelas seguintes perguntas: "Como está a convivência entre os estudantes no cenário escolar?", "Como está a convivência entre os estudantes e os professores no cenário escolar?" e "Existem situações de violência presentes no ambiente escolar?" (Figura 1).

Figura 1

Descrição das etapas implementadas no Grupo Focal. Parauapebas, Pará, Brasil, 2025



Fonte: Elaborado pelos autores (2025).

Os GF foram registrados em gravador de áudio e as falas transcritas na íntegra pelo pesquisador que coordenou os encontros. Foram realizados ajustes ortográficos para facilitar a compreensão do leitor, mas sem alteração do sentido das falas que compõem o *corpus* de análise deste estudo.

Para compreender as experiências compartilhadas nos GF, o processo analítico baseou-se nos pressupostos de Bardin (2010), iniciando-se com a exploração dos materiais, por meio de leitura flutuante, em que se objetivou apreender e organizar as informações de maneira não estruturada, buscando compreender de maneira global as ideias principais e os seus significados gerais; prosseguiu-se com a seleção das unidades de análise, processo dinâmico e indutivo de atenção, até a proposição de categorias. Nesta pesquisa, adotou-se como critério de inclusão: ser professor (temporário ou efetivo) vinculado à Escola A ou B; e de exclusão: professores que não estivessem atuando diretamente no ensino há pelo menos seis meses.

Registra-se que os participantes foram esclarecidos quanto ao estudo e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). A pesquisa atendeu aos preceitos da Resolução nº 466 de 2012, do Conselho Nacional de Saúde (CNS); foi aprovada por comitê de ética (CAAE 81953924.0.0000.5519) e pela Secretaria Municipal de Educação de Parauapebas; e foi guiada pelas diretrizes COREQ (Souza *et al.*, 2021).

Para identificar a quem pertence cada fragmento dos depoimentos e preservar o anonimato dos professores, garantindo o sigilo das narrativas, utilizaram-se os termos genéricos "Grupo A" e "Grupo B", representados pelas expressões "GA" e "GB", e "professor" pela letra "P", seguida de um número arábico, segundo a ordem cronológica das falas nos GF. Para os registros do DC, as falas/impressões foram representadas pela letra "P", referindo-se a professor.

Resultados

Ao total, 31 professores participaram da pesquisa, sendo 18 da escola A e 13 da escola B, com a maioria do sexo feminino (23; 74,2%). Durante as visitas às escolas e nos GF, os professores compartilharam experiências e opiniões sobre as violências no ambiente escolar. Eles explicaram como as interações entre estudantes são complexas e, muitas vezes, permeadas de conflitos.

Com base nos depoimentos dos GF, foi possível propor a categoria de análise: "A violência nossa de cada dia: sobre 'viver' na escola" e, considerando os registros no

DC, "Desafios na prática docente". Os resultados evidenciaram que inúmeras formas de violência atingem os estudantes e são reproduzidas por eles, contribuindo para a revitimização de seus pares, professores e outros atores sociais que integram a escola, como se apresenta a seguir.

A violência nossa de cada dia: sobre "viver" na escola

Agressões, medo, insegurança e traumas atormentam a comunidade escolar. De acordo com os depoimentos dos participantes desta pesquisa, as violências se fazem presentes na escola, expondo professores, estudantes e comunidade escolar a prejuízos da integridade física e mental:

"[...] uma aluna que, durante o jogo, teve agressão física. Durante o jogo, ela errou uma passada, errou alguma coisa, e toda a equipe veio em cima dela, brigando com ela, ela teve que sair correndo." [GAP1]

"[...] ele jogava a cadeira e espancava. O outro pediu ajuda, os demais colegas só ouviam. Depois chegou alguém e ajudou. E ao chegar na secretaria, eu chorei muito. Enquanto professora eu me senti incapaz de ajudar naquele momento, foi horrível. Não quero mais passar por isso." [GBP9]

Bullying e *cyberbullying* também representam violações de direitos recorrentes no ambiente escolar, especialmente perpetradas por meio de exposição, humilhação e até racismo, impactando negativamente a vida dos estudantes, conforme evidenciaram os relatos dos professores:

"[...] outro tipo de violência muito comum são os comentários sobre o corpo da pessoa, de forma racista, comprometendo a autoestima do outro." [GBP8]

"O *bullying* é um exemplo na escola, que hoje é crime e que a gente tenta combater, mas ainda é muito difícil." [GAP7]

"[...] publicações de vídeos expondo os alunos. Quem sofreu, por isso, não tem mais vontade de frequentar a escola, pela vergonha." [GAP15]

"O próprio meio tecnológico contribui para a violência dos jovens. Com a internet qualquer coisa é jogado na mídia e a pessoa se sente agredida, e isso aumenta a violência. Então, o meio virtual torna a violência ainda mais complexa." [GBP13]

Atos infracionais, como roubo e violência sexual, são fenômenos presentes na escola, evidenciando que esse local reflete as vulnerabilidades sociais às quais os estudantes estão expostos no ambiente doméstico e comunitário:

“Uma violência que acontece muito é o furto, pois acontece demais, e às vezes não é nem aquilo que ele [estudante] necessita.” [GAP5]

“Ato violento pode ser até inconsciente, como crianças fazendo atos sexuais dentro da escola.” [GAP18]

“[...] quando dialogamos com os responsáveis entendemos o motivo do comportamento deles [estudantes], que é reflexo da criação. Então, eles vão buscar outras referências. Diante disso há um conflito interno o tempo todo.” [GBP11]

A violência autoprovocada torna-se cada vez mais recorrente na escola. Para os professores, esse agravo à saúde constitui um fenômeno complexo, em que a dor emocional dos estudantes se manifesta por meio de lesões corporais:

“[...] tivemos um aluno que parecia ser um menino alegre, um menino divertido. E, do nada, o menino aparecia com os cortes. Do nada não, porque a gente não sabe o que se passa realmente dentro, né? Ele aparecia, surgiu lá, todo mutilado.” [GAP10]

“[...] e quando se fala da auto violência, me veio eles na mente [estudantes], principalmente os que eram alunos lá do sexto. A aluna, porque ela fez muito automutilação.” [GAP11]

“Dor que causa de forma extrema, que acaba transferido para o próprio corpo em forma de lesões no próprio corpo. O aluno, diante dos problemas vai se autoagredindo.” [GBP1]

“Já vi na escola alunos se machucado, como se socar na parede para tirar o estresse.” [GBP10]

Há uma dor que se esconde sob agasalhos e no isolamento social, presente nas violências autoprovocadas ou não, em que o sofrimento emocional dos estudantes somente se torna perceptível quando há sinais físicos (lesões) e/ou comportamentos que destoam dos padrões do grupo. Antes disso, os professores sequer imaginam as dificuldades e lutas internas que esse grupo experimenta:

"[...] capuz, blusão, isolamento, indisposição para jogar ou fazer outros exercícios ou interação social." [GAP8]

"A gente vê muitos meninos; eles se escondem atrás de uma roupa normalmente muito escura. Quando eu vejo algumas crianças escondidas naqueles agasalhos escuros, eu já fico preocupada. Por quê? Porque eu sei que ali tem alguma coisa além daquela roupa." [GAP17]

"Às vezes, observamos pequenos sinais como: o ar está estragado e o alunos está de capuz, comportamento triste, cabeça baixa na cadeira, não se socializar com ninguém, criar um problema e pedir para ir para casa." [GBP3]

O ambiente escolar, muitas vezes considerado seguro e protegido no imaginário social, abriga formas graves de violência, tornando-se palco para agressões dos mais diversos tipos e expondo estudantes, professores e demais integrantes da comunidade escolar ao risco de lesões corporais e traumas emocionais, o que compromete tanto a saúde física quanto a saúde mental dessas pessoas.

Desafios na prática docente

A partir dos diálogos, compartilhamentos e construções estabelecidos entre professores e pesquisador durante as visitas às escolas, foi possível registrar inúmeras impressões no DC. Os sentidos atribuídos a elas estão representados a seguir (Figura 2).

Figura 2

Sentidos atribuídos às falas dos professores durante visitas às escolas. Parauapebas, Pará, Brasil, 2025



Fonte: Elaborado pelos autores (2025).

Os professores falaram sobre medos, angústias e inseguranças. Mostraram-se, muitas vezes, desesperançosos e esquecidos pelas políticas públicas. A partir dos registros do DC, percebeu-se que o "fazer" docente está sufocado por inúmeras demandas institucionais e pela desvalorização profissional, especialmente por parte de estudantes e familiares. A análise dos registros também sugere que o bem-estar e a segurança dos professores representam aspectos negligenciados na profissão docente.

Discussão

Assim como neste estudo, outras pesquisas (Savas *et al.*, 2024; Tanton *et al.*, 2023; Tu *et al.*, 2024) evidenciaram que a violência está presente nas escolas. Entre estudantes, normalmente ocorre como abusos físicos, caracterizada por agressões com facas e outros objetos perfurantes, arranhões, tapas, empurrões e lutas, e abusos psicológicos, expressos por ofensas, humilhação, insultos, consumo e venda de drogas (Xerinda; Guambe, 2024), e especialmente o *bullying* (Ran *et al.*, 2023).

Segundo os participantes deste estudo e diversos autores, múltiplas formas de *bullying* atingem o ambiente escolar, representando uma grave violação de direitos dos estudantes e demais atores que fazem parte da escola (Drubina *et al.*, 2023; Hughes *et al.*, 2025; Ran *et al.*, 2023; Wang *et al.*, 2025).

Essa violência caracteriza-se pela repetição, pelo desequilíbrio de poder entre agressores e vítimas, e pela intenção de causar dano. As formas incluem o *bullying* verbal, físico, relacional, sexual e *cyberbullying*, sendo o verbal o mais frequentemente relatado (Ran *et al.*, 2023). Cabe destacar que, considerando o exponencial aumento de casos nos últimos anos, o *cyberbullying* tem se destacado entre os estudantes, sendo caracterizado, por alguns autores, como o uso de comunicação eletrônica para atacar, zombar e prejudicar outras pessoas (Zhang *et al.*, 2022).

Nesse cenário, observa-se que fatores pessoais, tais como gênero, uso frequente de plataformas de mídia social, depressão, transtorno de personalidade *borderline*, transtornos alimentares, privação de sono e tendências suicidas, geralmente estão relacionados ao fato de se tornar uma vítima de *cyberbullying*. Por outro lado, ser estudante do Ensino Médio, experiências passadas com violência, impulsividade, educação familiar inadequadamente controlada, relacionamentos inadequados entre professores e estudantes e o ambiente urbano podem representar fatores de risco para a perpetração de *cyberbullying* (Zhu *et al.*, 2021).

No Brasil, uma pesquisa evidenciou que há maior prevalência de *cyberbullying* entre escolares que declararam estar tristes, que ninguém se importava com eles, que não tinham amigos, que a vida não valia a pena, que sofriam agressões dos pais, que faltavam às aulas sem autorização dos responsáveis, que apresentavam comportamentos de risco como o uso de tabaco, álcool e drogas, e que já tiveram relação sexual. Ter supervisão dos pais sobre o tempo livre, ser do sexo masculino e ter idade de 16-17 anos associou-se a menor prevalência de *cyberbullying* (Malta *et al.*, 2024).

Destaca-se que, independentemente da classificação, o *bullying* impacta negativamente a saúde mental de crianças e adolescentes, afetando não apenas as vítimas, mas também os agressores e espectadores, o que leva a consequências de curto e longo prazo, como ansiedade, depressão, abuso de substâncias e comportamentos suicidas (Ran *et al.*, 2023).

Ressalta-se, assim, a importância de abordar essa violência sob múltiplos ângulos, incluindo os níveis individual, familiar, escolar e social (Ran *et al.*, 2023). Estratégias

direcionadas a melhorar a inteligência emocional dos alunos apresentam-se como recurso salutar para reduzir o risco de *bullying* na escola e *online* (Ran *et al.*, 2022).

Além disso, é preciso compreender que diversos fatores podem contribuir para o agravamento das violências na escola. Nesse sentido, destaca-se que o crescimento de abusos aos menores durante o isolamento social pela COVID-19 pode ter reverberado em aumento de comportamentos agressivos entre os estudantes (Moreira, 2023).

Mais de uma em cada cinco crianças e adolescentes em todo o mundo relataram ter sofrido violência durante o cenário pandêmico. Consequentemente, retornaram às escolas com diversas dificuldades, especialmente relacionais, culminando em maior agressividade e episódios de violência, mesmo em crianças muito pequenas (Moreira, 2023).

Além disso, há evidências de que o período de isolamento social, durante a COVID-19, aumentou drasticamente o tempo de tela de crianças e adolescentes (Choi; King; Duerden, 2023). A exposição precoce e intensa à violência em mídias específicas, como música, videogames e televisão, pode estar relacionada a comportamentos violentos graves na adolescência e na idade adulta (Ybarra; Mitchell; Oppenheim, 2022). É evidente que os menores estão expostos aos fatores de vulnerabilidade dentro e fora do contexto familiar e que o envolvimento em atos violentos produz efeitos comportamentais deletérios (Costa *et al.*, 2024). Esses efeitos têm se revelado nas escolas por meio de crises de ansiedade, insegurança excessiva e agressividade (Moreira, 2023).

Como consequências das violências perpetradas pelos menores no contexto escolar, observam-se o baixo aproveitamento educacional, a desistência dos estudos, a perda de interesse, dificuldades de aprendizagem, traumas, isolamento social, humilhação, repetição de ano, sentimentos de vergonha, insegurança e medo, roubos entre os colegas e delinquência juvenil (Xerinda; Guambe, 2024). Quanto aos professores, a violência reverbera em exaustão emocional, sendo os conflitos com os estudantes uma das principais causas de Síndrome de *Burnout* (Silva; Bragio, 2025).

Assim, é preciso implementar ações no ambiente escolar direcionadas ao enfrentamento e à redução da violência, especialmente o *bullying* (Gaffney; Ttofi; Farrington, 2021). Para tanto, faz-se necessário oferecer aos profissionais da educação formação no desenvolvimento de competências psicossociais, tanto na graduação quanto na formação continuada, de modo a torná-los capazes de promover ações para o desenvolvimento de competências psicossociais dos estudantes, integradas no cotidiano da

sala de aula, incluindo uma abordagem que vise melhorar o clima escolar e, desse modo, promover saúde e cultura de paz (Moreira, 2023).

Além de amparo aos estudantes, também são necessárias medidas de acolhimento, proteção e valorização dos professores (Moreira, 2023), que estão expostos a diversas formas de violência, as quais comprometem sua saúde física e mental, seu patrimônio e desempenho no trabalho (Plassa; Paschoalino; Bernardelli, 2021), como observado neste estudo.

Destaca-se que enfrentar a violência nas escolas exige um compromisso coletivo e contínuo, com abordagens intersetoriais que unem esforços entre educação, saúde e assistência social, fortalecendo redes de apoio capazes de lidar com os múltiplos fatores que contribuem para a violência nas escolas. Tais medidas são essenciais para a construção de espaços escolares mais seguros, inclusivos e propícios ao desenvolvimento integral dos estudantes (Silva; Bragio, 2025). Apresenta-se como limitação desta pesquisa a não inclusão de outros atores sociais que compõem a escola. Entretanto, sob a perspectiva dos professores, emergiram experiências capazes de dar visibilidade às interações e desafios estabelecidos no dia a dia dessa unidade.

Considerações finais

A escola abriga múltiplas formas de violência, com destaque para o *bullying*, em que crianças e adolescentes estão na condição de vítimas, mas também de perpetradores. Os professores, por sua vez, não sabem como lidar com as situações, sendo atingidos pelo medo, insegurança e sensação de impotência.

Entre as estratégias para o enfrentamento da violência na escola, sugere-se a formação permanente dos professores, a inclusão de temáticas socioemocionais no currículo dos estudantes e na formação docente, o fortalecimento do trabalho em rede, especialmente dos setores da saúde, assistência social e educação, bem como o envolvimento da família nas ações educativas.

Por fim, reafirma-se o potencial da escola como espaço privilegiado para ações de promoção da saúde e cultura de paz, de maneira ética, humanizada, inclusiva e comprometida com a vida. Para tanto, fazem-se necessárias políticas públicas que reconheçam e valorizem a centralidade do professor e da escola como agentes fundamentais na construção de comportamentos saudáveis, ambientes seguros e na promoção da equidade social.

Referências

- Backes, D. S., Colomé, J. S., Erdmann, R. H., Lunardi, V. L. (2011). Grupo focal como técnica de coleta e análise de dados em pesquisas qualitativas. *Mundo saúde*, 35(4): 438-442.
- Barbieri, B. C., Santos, N. E. (2021). Violência escolar: Uma percepção social. *Revista Educação Pública*, 21(7), 1-5.
- Bardin, L. (2010). *Análise de conteúdo*. Lisboa (PT): Edições 70.
- Brasil. Presidência da República. (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil de 1988*. Brasília (DF): Presidência da República.
- Canci, L., Gassen, A. P., Rosa, A. S. (2024). Violências na escola: crianças e professores em uma trama socioeconômica-política-ideológica. *Psicologia Escolar e Educacional*, 28, e256822.
- Cantürk, M., Faraji, H., Tezcan, A. E. (2021). The Relationship between Childhood Traumas and Crime in Male Prisoners. *Alpha Psychiatry*, 22(1): 56-60.
- Choi, E. J., King, G. K. C., Duerden, E. G. (2023). Screen time in children and youth during the pandemic: A systematic review and meta-analysis. *Global Pediatrics*, 6.
- Costa, J. R., Silva, M. M. O., Neto, J. C., Lopes, M. S. V., Albuquerque, G. A. (2024). Profile of violence perpetrated by adolescents. *Pensar Enf*, 28(1): 43-49.
- Drubina, B., Kökönye, G., Várnai, D., Reinhardt, M. (2023). Online and school bullying roles: are bully-victims more vulnerable in nonsuicidal self-injury and in psychological symptoms than bullies and victims? *BMC Psychiatry*, 23(1): 945.
- Fundação Abrinq. (2025). *Observatório da criança e do adolescente*. <https://observatoriocrianca.org.br/tema>
- Gaffney, H., Ttofi, M. M., Farrington, D. P. (2021). Effectiveness of school-based programs to reduce bullying perpetration and victimization: An updated systematic review and meta-analysis. *Campbell Syst Rev*, 17(2): e1143.
- Hughes, A., Grey, E., Haigherty, A., Shepherd, F., Gillison, F., MacArthur, G., et al. (2025). Weight-related bullying in schools: a review of school anti-bullying policies. *BMC Public Health*, 25(1): 2006.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). (2022). *População*. Brasil: IBGE. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/panorama>
- Kroef, R. F. S., Gavillon, P. Q., Ramm, L. V. (2020). Diário de Campo e a Relação do(a) Pesquisador(a) com o Campo-Tema na Pesquisa-Intervenção. *Estud. pesqui. Psicol*, 20(2): 464-480.
- Malta, D. C., Souza, J. B., Vasconcelos, N. M., Mello, F. C. M., Buback, J. B., Gomes, C. S., et al. (2024). Cyberbullying entre escolares brasileiros: dados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar, 2019. *Ciênc. saúde coletiva*, 29(9): e19572023.
- Moreira, K. B. (2023). *Violência infantojuvenil: reflexos da pandemia no comportamento de crianças e adolescentes na perspectiva da escola* [dissertação]. Palmas (TO): Universidade Federal do Tocantins, Programa de Pós-Graduação em Ensino em Ciências e Saúde.
- Niu, L., Li, Y., Bai, R., Pagán, J. A., Zhang, D., Diaz, A. (2024). Global prevalence of violence against children and adolescents during COVID-19: A meta-analysis. *Child Abuse Negl*, 154: 106873.
- Novaes, M. O., Moraes, I. K. N., Rodrigues, V. P., Vilela, A. B. A., Casotti, C. A. (2024). Etnografia e sua contribuição nas pesquisas em ciências da saúde. *Contribuciones a las Ciencias Sociales*, 17(7): e8479.
- Oliveira, L. M. A. C., Santos, L. F. (2025). *Trabalhando com grupos na assistência a familiares em UTI*. Curitiba (Pr): Appris.

- Plassa, W., Paschoalino, P. A. T., Bernardelli, L. V. (2021). Violência contra professores nas escolas brasileiras: determinantes e consequências. *Nova econ*, 31(1): 247-71.
- Pinheiro, L. R. (2020). Rodas de conversa e pesquisa: reflexões de uma abordagem etnográfica. *Pro-Posições*, 31: e20190041.
- Ran, G., Zhang, Q., Zhang, Q., Li, J., Chen, J. (2023). The Association Between Child Abuse and Aggressive Behavior: A Three-Level Meta-Analysis. *Trauma Violence Abuse*, 24(5): 3461-3475.
- Rebouças, P., Falcão, I. R., Barreto, M. L. (2022). Social inequalities and their impact on children's health: a current and global perspective. *J Pediatr (Rio J)*, 98: 55-65.
- Savaş, Ç., Aras, N., Gençoğlu, G., Özdemir, M. H. (2024). Violence and bullying at school: 10-year data from the Forensic Medicine Department of a University Hospital in Türkiye. *Ulus Travma Acil Cerrahi Derg*, 30(8): 617-624.
- Silva, D. L. C., Bragio, J. (2025). Promoção do bem-estar, prevenção de violências e cuidado integral em escolas públicas: um estudo de revisão. *RBPS*, 27(supl.1): 107-115.
- Souza, V. R. S., Marziale, M. H. P., Silva, G. T. R., Nascimento, P. L. (2021). Tradução e validação para a língua portuguesa e avaliação do guia COREQ. *Acta paul enferm*, 34: eAPE02631.
- Tanton, C., Bhatia, A., Pearlman, J., Devries, K. (2023). Increasing disclosure of school-related gender-based violence: lessons from a systematic review of data collection methods and existing survey research. *BMC Public Health*, 23(1): 1012.
- Tu, Y., Qing, Z. H., Lin, C. X., Yan, C. H., Yin, H. Z., Ighaede-Edwards, I. G., *et al.* (2024). The Prevalence and Severity of School Bullying among Left-Behind Children: A Meta-Analysis. *Trauma Violence Abuse*, 25(3): 1838-1852.
- Wang, Y., Cai, J., Wang, C., Mu, Y. F., Deng, Z. Y., Deng, A. P., *et al.* (2025). The prevalence and association of traditional bullying and cyber bullying with mental health among adolescent and youth students in China: a study after the lifting of COVID-19 restrictions. *BMC Public Health*, 25(1): 618.
- Wanzinack, C., Mélo, T. R. (2025). Unraveling the reality of interpersonal violence against children and adolescents in Brazil: a systematic review. *Cad. Saúde Pública*, 41(2): e00145924.
- Xerinda, J., Guambe, A. J. (2024). Implicações educacionais da violência nas escolas: estudo na escola secundária pública, na cidade de Maputo. *Rev. Psicol. Divers. Saúde*, 13: e5739. <http://dx.doi.org/10.17267/2317-3394rpds.2024.e5739>.
- Ybarra, M. L., Mitchell, K. J., Oppenheim, J. K. (2022). Violent Media in Childhood and Seriously Violent Behavior in Adolescence and Young Adulthood. *J Adolesc Health*, 71(3):285-292.
- Zhang, W., Huang, S., Lam, L., Evans, R., Zhu, C. (2022). Cyberbullying definitions and measurements in children and adolescents: Summarizing 20 years of global efforts. *Front Public Health*, 10: 1000504.
- Zhu, C., Huang, S., Evans, R., Zhang, W. (2021). Cyberbullying Among Adolescents and Children: A Comprehensive Review of the Global Situation, Risk Factors, and Preventive Measures. *Front Public Health*, 9:634909.

ABSTRACT

The objective was to describe teachers' experiences with violence at school. This qualitative, ethnographic study was conducted in two full-time schools located in Parauapebas, Pará, Brazil. Data collection was conducted through field diaries and focus groups, and the information was subjected to content analysis. It was identified that, on a daily basis, the school community experiences aggression, fear, insecurity, trauma, bullying, cyberbullying, criminal acts, and sexual abuse. Schools are home to numerous forms of violence, particularly bullying, in which children and adolescents are both victims and perpetrators.

KEYWORDS: Teachers; Children; Adolescents; School violence; Exposure to violence.

RESUMEN

El objetivo fue describir las experiencias de los docentes con la violencia escolar. Este estudio etnográfico cualitativo se llevó a cabo en dos escuelas de tiempo completo ubicadas en Parauapebas, Pará, Brasil. La recopilación de datos se realizó mediante diarios de campo y grupos focales, y la información se sometió a análisis de contenido. Se identificó que, a diario, la comunidad escolar experimenta agresión, miedo, inseguridad, trauma, acoso escolar, ciberacoso, actos delictivos y abuso sexual. Las escuelas son escenario de numerosas formas de violencia, en particular el acoso escolar, en las que niños, niñas y adolescentes son tanto víctimas como agresores.

PALABRAS CLAVE: Docentes; Niños, niñas; Adolescentes; Violencia escolar; Exposición a la violencia.